

## NERVOS

Em torno dos anos 1870, comentaristas de todos os lugares da Europa e da América eram enfáticos em que a vida assumira um ruído, um clamor e uma velocidade que irritavam os nervos. As sensações se impunham a qualquer um e a todos, fossem em ruas reais ou ficcionais. Parecia que os próprios tempos representavam um choque para o sistema nervoso, com suas multidões e sujeira, e a inevitável “decadência” que se seguia. Trens matraqueavam, apitavam, soltavam fumaça, trombavam e produziam o trauma do “tronco ferroviário”,<sup>94</sup> assim como uma inundação de assassinatos de ferrovia. Na Europa, levadas pela pobreza ou pelos massacres, as pessoas se movimentavam em números cada vez maiores pelas fronteiras e do campo para a cidade, ou emigravam para o Novo Mundo. Seguiram-se as acomodações sórdidas, o alcoolismo e aquele mesmo aglomerado que originou os conceitos de massa e degeneração.

Na Grã-Bretanha, os “pobres sem mérito” bebiam e se reproduziam em cortiços, segundo permitiam os esquadrões do vício e da temperança, ou se prostituíam nas ruas onde nenhuma mulher de classe média, protegida como era por metros de saias, anquinhas e espartilhos, poderia pôr o pé. Mayhew relacionou cerca de 80 mil prostitutas não registradas só em Londres, número espantoso que destaca o quanto era importante manter em casa “o anjo” que era a mulher vitoriana, para que os duplos padrões tanto da vida sexual quanto as fronteiras das classes sociais pudessem ser conservados.

Na França, a guerra franco-prussiana e o levante da Comuna de Paris deixaram uma herança de morte, deslocamento social e desconfiança entre as classes: na *semaine sanglante*, aquela única semana banhada em sangue de 21

a 28 de maio de 1871, tropas francesas, marchando ao longo dos novos, grandes e confortáveis bulevares do Baron Haussmann, atiraram contra seus próprios compatriotas. O número de mortos, segundo alguns, chegou a 30 mil. A Terceira República, saída da guerra civil, viu um infernal aumento do tráfego nessas mesmas ruas — cerca de 60 mil veículos barulhentos puxados por 70 mil cavalos. Entre estes e os bondes, no fim do século, 12 mil pessoas por ano eram feridas e mais de cem mortas; e novos e mais rápidos meios de transporte surgiam enquanto o homem cavava o subsolo para construir o metrô a tempo da Grande Exposição de 1900.

A América, recobrando-se dos horrores da guerra civil — 500 mil mortos e incontáveis feridos — entrou em uma fase expansionista na qual a rápida acumulação de riqueza material encobriu qualquer necessidade de lamentação — exceto pelas mulheres, que se tornaram guardiãs daquela sensibilidade e cultura que o homem de negócios podia ter, mas para cuja dedicação não dispunha de tempo suficiente. Ao mesmo tempo, os telégrafos engoliam as distâncias. A eletricidade produzia de forma invisível luz instantânea a partir da escuridão. Grandes e novos barcos a vapor cruzavam o Atlântico em dias, levando os pobres amontoados para um lado e trazendo os novos-ricos viajantes para o outro.

Na virada do século, como observou o romancista Robert Musil em seu *O homem sem qualidades*, a época se tornou definitivamente “enervante” — de “inquietação e constante mudança, de velocidade e perspectivas, em que algo estava definitivamente errado”.

Incontáveis romances e histórias dissecavam, descreviam ou enfatizavam o que estava errado. Já em 1839, o poeta americano e grande autor de contos góticos, Edgar Allan Poe, criou personagens cujos nervos “enfraqueceram com o grande sofrimento”, particularmente quando seus donos descendiam de famílias nobres. “Nervoso”, palavra que surgira na linguagem como sinônimo de forte, vigoroso e enérgico e crescera de significado com o século XVIII do dr. George Cheyne, englobou todas as noções de um temperamento excitável, agitado, apreensivo e hipersensível. Mas, na altura da metade do século XIX, a palavra se tornou cada vez mais associada a características mentais. Em 1848, John Stuart Mill, em seu *Princípios de Economia Política*, observa: “Trabalho é físico ou mental; ou, para expressar a distinção de forma mais abrangente ... muscular ou nervoso.” Essa vinculação do mental e do nervoso era análoga ao foco de alienistas e neurologistas no cérebro como centro da atividade nervosa e física. O pensamento

evolucionista colaborou para enfatizar a importância fundamental do cérebro: ele se tornou o lugar das características distintivas do humano.

Enquanto assumiam destaque científico e médico, nervos e cérebro se tornaram também áreas sintomáticas de preocupação. Tudo se unia para produzir um novo tipo de doença. Diagnósticos que focavam os nervos coincidiam nos sintomas que expressavam a doença com os estresses dos tempos, assim como com as restrições que pesavam sobre os sexos. Qualquer transgressão dos policiados limites do que era apropriado para cada sexo tinha consequências sobre os nervos. Em 1869, essa doença recebeu nome próprio — neurastenia —, embora o quadro de sintomas fosse mais ou menos conhecido desde bem antes. *The Woman in White* (1860) tinha o seu sr. Fairlie, inválido “efeminado”, com qualidades de mulher, que sofria de transtorno dos nervos. Isso envolvia não apenas a hipersensibilidade à luz, ao som, ao toque, ao movimento e um excessivo refinamento estético como uma capacidade de discernimento debilitada.

Cerca de 25 anos antes, Des Esseintes, a contrapartida francesa do sr. Fairlie, o esteta e herói altamente estressado de *A Rebours*, de J.-K. Huysmann, editado em 1884, é o último de uma linhagem de aristocratas inatos degenerados e tem códigos sexuais similares — que hoje leríamos abertamente como homossexuais. Mas Des Esseintes, à diferença do sr. Fairlie, tem a simpatia de seu criador. Na verdade, Des Esseintes torna-se o próprio ícone da sensibilidade decadente do fim do século, um homem que é “contra a natureza” e, como uma mulher, valorizado por seu refinamento. Dependendo das relações dos críticos com aqueles polos opostos da modernidade artística e do moralismo vitoriano, Des Esseintes era festejado ou difamado. Enquanto isso, a mãe dele era o próprio tipo da neurastênica: “uma mulher alta, pálida, silenciosa, [que] morreu de exaustão nervosa.” A principal lembrança que o herói tem dela é quase memória comum — repetida na ficção de Poe, por meio de Silas Weir Mitchell, e nas roupas modernistas, de meias compridas azuis, em D. H. Lawrence — de uma “figura imóvel, supina, em um quarto escuro ... porque a duquesa tinha um ataque nervoso sempre que ficava exposta à luz ou ao ruído”.<sup>95</sup>

A duquesa palpavelmente sofre de neurastenia, termo diagnóstico em geral atribuído ao médico americano George M. Beard, que o cunhou em 1869 em um importante semanário médico para designar “a condição mórbida de exaustão do sistema nervoso”. Segundo Beard, que publicou vários livros amplamente traduzidos sobre o assunto, a doença grassava no modo americano de vida, com sua corrida por dinheiro e poder, sua perseguição excessi-

va ao capital e ao progresso tecnológico. Beard culpava a imprensa popular, o telégrafo e a máquina a vapor pela exaustão nervosa, todos os quais exacerbavam a pressão da vida moderna. Havia muitos homens esforçados e bem-sucedidos propensos à prostração nervosa. Quanto às mulheres, elas constituíam uma grande proporção das fileiras de neurastênicos — uma incursão na esfera masculina do trabalho intelectual, junto com o “exaustivo sentimento do amor” eram os responsáveis pela exaustão nervosa feminina.

Logo ficou claro que, com muita frequência, uma mulher nervosa era também “uma nova mulher”. As contradições de um tempo que exigia submissão e aquiescência do feminino idealizado enquanto pregava o dinamismo geral na cultura podiam levar a mulher para a ação ou para a cama. A fuga para a doença era a imagem refletida no espelho da rebelião. Emancipação, feminismo e neurastenia, ou, por vezes, sua irmã gêmea, histeria, tomavam forma no mesmo solo nervoso.

Os nervos, sua relação com o cérebro, temperamento e vida mental ainda eram áreas misteriosas para os cientistas e médicos da segunda metade do século XIX. À medida que o tempo passava, no entanto, eles se tornavam cada vez mais confiantes em sua habilidade para mapear o cérebro, entender o sistema nervoso e diagnosticar seus efeitos doentios. O tratamento, embora obstinado, era frequentemente incerto. Particularmente na América e na Grã-Bretanha podia parecer-se muito com a “administração moral”, mesmo aplicado no contexto da prática privada a pacientes relativamente ricos.

Silas Weir Mitchell, o médico dos nervos sediado na Filadélfia e cujo *Lectures on Diseases of the Nervous System, Especially in Women*, de 1881, o tornou famoso, inventando uma “cura pelo repouso”, muito imitada, que não permitia mimos para o “inválido amante da cama” que era o paciente e nenhuma apresentação teatral de suas dores para uma audiência. Autocontrolar-se, ganhar domínio sobre si mesmo, eram essenciais: “Eu digo à paciente que suas dores ficarão bem quando ela estiver bem e depois não permito mais que sejam discutidas.” O que o resto da cura pelo repouso requeria era “o rompimento de velhos hábitos ... o corte de muitas influências dolorosas, mas, acima de tudo, o poder de separar os pacientes de algum escravo por vontade própria, uma mãe ou uma irmã, cuja servidão, como sempre, degrada e destrói o déspota enquanto arruína o escravo”.<sup>96</sup>

Conceitualizar partes não mapeadas do corpo, particularmente em sua relação com a mente, sempre levou a metáforas: estas são particularmente aptas

e reveladoras das preocupações de seu momento histórico. Onde o século XVIII postulava a energia nervosa como um fluido, um tipo de energia hidráulica ou força da água corrente, o século XIX a entendia como força elétrica. A princípio isso abrangeu a física galvânica da eletricidade vital, animal. Gradualmente, o conceito evoluiu para assumir a química de Volta, de forma que o cérebro emergia como uma bateria voltaica recarregável gerando eletricidade através das fibras nervosas. Depois jogou com a termodinâmica e as ideias sobre a conservação de energia e finalmente mudou para o conceito mais complexo de eletricidade de Faraday como uma força que passa de partícula para partícula. Às vezes, todas essas hipóteses funcionavam lado a lado.

O manual para *Instruction of Attendants of the Insane*, de 1884, usou a analogia contemporânea para explicar a função do nervo e do cérebro:

A massa cinzenta do cérebro pode ser comparada a uma grande cidade, o centro de operações do sistema telegráfico, e as aglomerações cinzentas espalhadas pela substância branca do cérebro são os subúrbios da cidade, as aglomerações cinzentas da espinha vertebral são as cidades menores, e os pontos de pele, órgãos de músculos ... onde as fibras nervosas terminam são as aldeias. As fibras nervosas conectam aldeias, cidades, subúrbios e a grande cidade uns aos outros ... Os nervos internos e as células nervosas da mente se conectam umas com as outras para formar uma rede, que, enquanto estamos acordados ou sonhando, se encontra em um estado de grande atividade, telegrafando ideias de célula para célula ... À proporção que essa rede se rompe ou enfraquece, a mente falha em suas funções; o dano de algumas fibras, a doença de umas poucas células faz uma grande diferença; e por causa de sua delicadeza, a estrutura requer reparo constante e cuidadosa conservação.<sup>97</sup>

George Beard, que teve algum sucesso com eletroterapia, postulava uma explicação química de “carência de força nervosa”: “Meu ponto de vista é que o sistema nervoso central fica sem fósforo, ou talvez perca um pouco de seus constituintes sólidos, provavelmente também experimente mudanças leves, mórbidas, não detectáveis em sua estrutura química e, em consequência, se torna mais ou menos empobrecido na quantidade e qualidade de sua força nervosa.”<sup>98</sup>

Seja qual for a base metafórica ou especulativa emprestada pelas ciências ou pela nova tecnologia, os vitorianos também transformaram o sistema nervoso, assim como fizeram com a sexualidade, em um modelo econômico com um registro de haver/dever de renda e gastos. Cada pessoa tinha apenas certo

volume de energia nervosa, um fundo de capital herdado que poderia mais facilmente ser dilapidado que reabastecido. “Esforço sem medida, mental ou físico, poderia drenar o suprimento de um indivíduo, deixando um sistema nervoso exaurido, incapaz de qualquer esforço. Falência da energia nervosa significa profunda incapacitação.”<sup>99</sup> Da mesma forma que a bancarrota era uma forma de pecado no domínio da economia pública, na esfera privada os gastos excessivos que levavam ao colapso do sistema nervoso ou à loucura eram vergonhosos e entendidos não apenas como exaustão, como moralmente repreensíveis. A atividade sexual sem o objetivo da procriação era má e incapacitante, e duplamente o era a masturbação. O excesso era o abandono da firmeza de propósito — uma faculdade que, de acordo com moralistas públicos e médicos, era mais fraca nas mulheres. O dever era sagrado e, para as mulheres, estava no casamento e na pureza da maternidade.

Com maior ou menor ênfase nas noções protestantes de firmeza de propósito e dever, a linguagem dos nervos era usada na Europa e na América. As resultantes doenças nervosas — neuroses, colapsos, neurastenia — eram concebidas como orgânicas. Embora a virada do século tenha levado o pêndulo médico para explicações psíquicas que não tinham base física comprovada, essa linguagem de nervos e neuroses continuou.

Em 1895, o psiquiatra alemão Krafft-Ebing escreveu em sua *Psychopathia Sexualis*:

O modo de vida de incontáveis pessoas civilizadas exhibe hoje em dia uma abundância de fatores anti-higiênicos que torna fácil entender o desastroso crescimento das doenças nervosas; porque esses fatores danosos têm efeito primeiro e antes de tudo no cérebro. No decurso das últimas décadas, houve mudanças nas condições políticas e sociais — e especialmente mercantis, industriais e agrícolas — das nações civilizadas com grandes reflexos nas ocupações das pessoas, na posição social e na propriedade, e isso à custa do sistema nervoso, chamado a corresponder às maiores exigências sociais e econômicas mediante um maior gasto de energia, frequentemente com oportunidade bastante inadequada de recuperação.

Uma vez que os nervos alimentam todo o sistema corporal, o excesso de trabalho em uma área, por exemplo, no cérebro, poderia resultar em enfraquecimento em outro lugar. Mais comumente nas mulheres, a ligação era com a vitalidade dos órgãos reprodutivos. De fato, durante a última metade do

século XIX, o sistema reprodutivo da mulher pareceu desenvolver uma ligação íntima com seus nervos fracos e instáveis. As regras — o impacto da menstruação no corpo da mulher —, o parto e a menopausa sempre desempenharam um papel na avaliação da saúde mental, mas só a partir dos anos 1860 essas características especificamente sexuais assumem um lugar público bastante proeminente na interpretação dos sintomas “nervosos” que a mulher poderia apresentar.

A “teoria dos reflexos” nervosos abriu caminho para esse tipo de pensamento nos anos 1830. Ela propunha que as conexões nervosas ao longo da espinha regulavam todos os órgãos, sem nenhuma intervenção da consciência. Se essa “rede de mensagens” se enfraquecia ou se rompia, a mente falhava em sua função. O colapso também podia levar à falência das sensações externas e internas, como a dormência sofrida pelos histéricos, e do sistema motor, como espasmos, sacudidas e paralisias. Tendo como pioneiro o médico da sociedade Marshall Hall, na Inglaterra, a teoria reflexologista foi ampliada para englobar os hemisférios cerebrais por Thomas Laycock, prolífico médico de Edimburgo, em uma publicação de 1845. Por causa da fama continental do livro anterior de Laycock, *Nervous Diseases of Women*, suas especulações sobre a forma como os reflexos funcionavam tiveram grande influência em toda a Europa. De fato, a intervenção de Laycock foi possivelmente decisiva para tornar a teoria reflexologista um modelo precoce dos laços entre o fisiológico e o psicológico.<sup>100</sup> “Comparada ao homem”, proclamou Laycock, “a mulher é de temperamento nervoso ... Seu sistema nervoso é, portanto, mais facilmente afetado por todas as impressões e mais sujeito a todas as doenças do excitação.”<sup>101</sup>

Uma vez que a noção da ação reflexa podia ligar órgãos afastados do local de um sintoma, a teoria ajudava a fornecer uma base “científica” para implicar o útero em uma grande variedade de doenças nervosas. Como enfatizou Weir Mitchell, “as doenças orgânicas dos ovários e das trompas nas mulheres reagem profundamente ao sistema nervoso”. A ação reflexa também teve o desastroso efeito de introduzir uma moda de cirurgia pélvica e um grande número de outras intervenções no sistema reprodutivo feminino como cura para enfermidades tão disparatadas como fadiga, dores de cabeça e vômito. Esse impulso para a intervenção cirúrgica continuou até a virada do século.

Ao longo de todo esse período, médicos e cientistas pareciam determinados a tornar a divisão de trabalho existente na classe média um dado universal e transformar o lugar da mulher na esfera doméstica em uma inevitabilidade

biológica da qual desvios de qualquer natureza provocariam um colapso, não apenas da mente como também da espécie. As mulheres eram modeladas pela evolução para o lar e a maternidade, de nervos frágeis, intelectualmente inferiores, segundo o entendimento da época. Afastar-se desse direito de nascença inferior, permitir que as energias fossem drenadas pelo esforço intelectual ou da imaginação levaria ao colapso nervoso ou àquela espaçosa lista de sintomas que, com muita frequência, vinham sob o abrangente diagnóstico de neurastenia ou de sua vizinha próxima, a histeria. “Que barreira frágil é a verdade quando fica no caminho de qualquer hipótese”, observou argutamente Mary Wollstonecraft em 1790, erguendo-se contra o desejo de Rousseau de tornar a mulher uma coquete por natureza.<sup>102</sup>

Por volta da década de 1870, as exigências crescentes e articuladas das mulheres, não apenas pelo voto e pela igualdade dentro do casamento, mas também por educação e mais liberdade de agir, coincidiram com a força recém-mobilizada de um *establishment* médico e científico especializado em doença mental e nervosa. As advertências médicas contra quaisquer atividades que pudessem mudar o status doméstico da mulher, visto como um dado de Deus e da natureza, eram ensurdecedoras. Era preciso bloquear não apenas as vozes das mulheres, mas a de advogados do calibre de John Stuart Mill.

Mill afirma que a sujeição da mulher tem tudo a ver com vontade política. Apenas nas relações entre os sexos, aponta, ainda parece que a “lei do mais forte prevalece”. No que diz respeito aos argumentos em favor da inferioridade das mulheres, a única coisa que mudou desde o último século foi o deslocamento das explicações sociais para um chamado às causas físicas, inatas.

A razão dada naqueles dias não era a não adaptação das mulheres, mas o interesse da sociedade, pelo qual se queria dizer o interesse dos homens: exatamente como a razão de Estado, querendo significar a conveniência do governo e o apoio à autoridade existente, era considerada explicação suficiente e desculpa para os crimes mais cruéis. Nos dias atuais, o poder tem uma linguagem mais suave e sempre finge que oprime para o próprio bem dos oprimidos: coerentemente, quando alguma coisa é proibida às mulheres, acha-se necessário dizer, e desejável acreditar, que elas são incapazes de fazê-la e que abandonam seu caminho real de sucesso e felicidade quando aspiram a ela. Mas para tornar essa razão plausível (não digo válida), aqueles por quem isso é exigido devem estar preparados para levá-la adiante por uma extensão maior



que a que qualquer um se aventuraria em face da experiência atual. Não basta dizer que as mulheres são em média menos dotadas que os homens em algumas das mais altas faculdades mentais, ou que um número menor de mulheres é qualificado para ocupações e funções do mais elevado caráter. É necessário insistir que nenhuma das mulheres tem qualidades para isso e que as mulheres mais eminentes são inferiores em faculdades mentais ao mais medíocre dos homens em quem essas funções no presente declinam.

Mill pedia uma avaliação psicológica apropriada que mostrasse que as diferenças entre homens e mulheres são apenas diferenças de educação e não indicam nenhuma inferioridade imposta pela natureza. Ele inteligentemente destacava que o tamanho do cérebro (um elefante é mais inteligente que um homem?) poderia ser menos importante para medir a inteligência que sua atividade. Observava que os homens haviam astuta e egoisticamente escravizado as mulheres “ao retratar para elas humildade extrema, submissão e renúncia a toda vontade individual ... como parte essencial da atratividade sexual”. Ele também destacava que todos os argumentos da “natureza” eram sabotados pela comparação cultural: “Um oriental acha que as mulheres são peculiarmente voluptuosas por natureza; veja as violentas injúrias a elas nesse terreno nos escritos hindus. Um inglês normalmente acha que elas são frias por natureza. Os dizeres sobre a volubilidade das mulheres são em sua maioria de origem francesa.” No que dizia respeito aos praticantes da medicina, uma vez que quase nenhum era psicólogo, quando falavam sobre as mulheres seus comentários não tinham mais utilidade que os de qualquer homem “comum”. É um assunto sobre o qual nada definitivo pode ser sabido enquanto aquelas que realmente podem saber, as próprias mulheres, tiverem dado apenas um pequeno testemunho e, por menor que seja, subornado em sua maior parte”.

Para Mill, “o princípio que regula as relações sociais existentes entre os dois sexos — a subordinação legal de um sexo a outro — é errado em si mesmo, e agora um dos maiores entraves ao desenvolvimento humano ... ele precisa ser substituído por um princípio de perfeita igualdade, não admitindo nenhum poder ou privilégio de um lado, nem falta de habilidade do outro”. A maior suscetibilidade nervosa das mulheres, afirmava, era, na verdade, uma característica das “classes mais altas”, cultivadas em estufas, fisicamente inativas, embora naturalmente ativas no que dizia respeito às emoções: “Não surpreende que aquelas entre elas que não morrem de tuberculose cresçam

com constituições suscetíveis à insanidade por causas internas e externas tratadas com indiferença e sem energia para suportar qualquer tarefa, física ou mental, que exija esforço continuado.”<sup>103</sup>

Um dos opositores intelectuais de Mill mais populares entre o público vitoriano era Herbert Spencer, cujos escritos sobre evolução, ciência e sociedade incorporavam teorias de Darwin, assim como as do naturalista francês Lamarck e seu modelo evolucionista de características adquiridas. Foi Spencer, como jornalista e autodidata prolífico que serviu, certamente em parte, de modelo para o Casaubon de George Eliot (pseudônimo de Mary Ann Evans) em *Middlemarch* — um homem frio, assexuado, com quem Eliot uma vez quis casar e que estava sempre em busca de um sistema completo de conhecimento. Foi Spencer, e não Darwin, quem cunhou a frase “sobrevivência dos mais capazes”. Para Spencer, armado de uma crença sempre crescente na “especialização de funções”, as mulheres eram feitas para a vida doméstica. Desde o início dos tempos elas haviam aperfeiçoado a intuição, submissão e as habilidades do engano: daí seu lugar natural e apropriado ser o lar. Na verdade, a família patriarcal era o modelo favorecido pela natureza. Apenas em tal ambiente filhos saudáveis poderiam ser criados. Qualquer outra coisa levaria ao declínio da espécie.

Ironicamente, os teóricos que mais advertiam as mulheres a não se desviar de sua esfera natural da reprodução, aqueles que viam a aspiração intelectual como um caminho para uma variedade de distúrbios nervosos e físicos eram homens que sofriam eles próprios de uma série de doenças “nervosas”. A depressão e uma variedade de sintomas físicos sem causa física perseguiram Darwin. A “neurastenia” de Spencer o aborreceu durante toda a vida e ele sofria colapsos severos. De fato, a “natureza” que sustentava os arranjos domésticos não se estendia à sua própria casa. Ele nunca se casou nem foi pai.

Tais ironias pareciam não constranger os pronunciamentos de neurologistas e alienistas do fim do século.

Reagindo contra um nascente movimento de mulheres e o apelo de John Stuart Mill pela educação das mulheres, Maudsley, o mais influente dos alienistas vitorianos, escreveu um ensaio em 1874 sobre “Sex in Mind and in Education”. Ali ele defende enfaticamente a ideia dos efeitos danosos do trabalho intelectual sobre a “energia vital” das mulheres em combinação com as mudanças físicas da adolescência. A fisiologia das mulheres, à diferença da dos homens, não possuía a energia nervosa requerida. A menstruação era o fantasma.

Esta é uma questão de fisiologia, não uma questão de sentimento; não é uma mera questão de músculos menores, mas da energia e do poder da tolerância, da força do nervo que dirige a maquinaria intelectual e muscular; não é uma questão de dois corpos e mentes que estão em condições físicas iguais, mas de um corpo e de uma mente capazes de trabalho duro, contínuo e regular, e de outro corpo e outra mente que durante um quarto de cada mês, durante os melhores anos da vida, está mais ou menos doente e incapaz para o trabalho duro.

A educação, portanto, era um “dreno mental excessivo” sobre a mente da mulher jovem, e, usando o banco como um modelo dos recursos humanos, Maudsley argumentou: “O que a natureza gasta em uma direção, ela precisa economizar em outra.” Os centros nervosos da mulher, já instáveis por causa da energia requerida pelas mudanças físicas da puberdade, enlouqueceriam com o duplo esforço do trabalho mental e do tipo de competição em que os homens mais jovens floresciam. A menstruação se tornaria irregular ou cessaria completamente. Os danos ao ciclo menstrual podiam levar algumas mulheres meramente à dor de cabeça, fadiga ou insônia. Em outras, os efeitos eram mais graves: colapso mental, epilepsia ou *chorea*\* — o nome que a época dava a todos os tipos de acessos nervosos. Pior que tudo, o sistema reprodutivo da jovem podia falhar.

Ao descrever essa falha, Maudsley expõe completamente os preconceitos e temores da degenerescência sexual subjacente à sua ciência. A falsidade é característica-chave da mulher que ele evoca, uma criatura baixa, determinada a enganar o macho: “Aquelas em quem os órgãos estão enfraquecidos invocam a ajuda do costureiro para melhorar a aparência deles; não ficam satisfeitas a menos que usem a vestimenta da perfeita feminilidade.” Essas descrições de peitos caídos e perda de poder pélvico da mulher assexuada, estéril, uma anormalidade que “tendo cessado de ser mulher ainda não é homem”, traem um asco visceral. A partir da jovem que cresceu com nervos enfraquecidos pela educação, Maudsley produz o cataclismo de uma antiutopia sem sexo.<sup>104</sup> Parece que toda a civilização vitoriana, estruturada em torno da unidade da família, entra em colapso com a educação das jovens mulheres.

\**Chorea-acanthocytosis* (ChAc), doença neurológica. (N. da T.)

O artigo muito citado de Maudsley foi escrito em resposta a Edward Clarke, de Harvard, cujo *Sex in Education* argumentava que a educação tornaria as mulheres incapazes para o parto. Na Grã-Bretanha, ambos logo ganharam admiradores. O alienista levemente mais jovem James Crichton-Browne (1840-1938), diretor médico do grande West Riding Wakefield Lunatic Asylum, onde implantou um dos poucos laboratórios neuroanatômicos sediados em hospitais, compartilhava as opiniões de Maudsley. (Foi Maudsley quem lhe apresentou Darwin, quando este último queria ajuda com fotos de loucos para estudar suas expressões faciais com vistas a seu trabalho sobre emoções em homens e animais.)

O asilo de Crichton-Browne forneceu a Maudsley acesso rápido e legalmente sancionado ao cérebro de pacientes mortos não reclamados pelas famílias. Medindo estes e comparando seus resultados com colegas de dois outros asilos, ele escreveu uma série de artigos sobre o tamanho menor do cérebro das mulheres em comparação ao dos homens e sua fisiologia. Dessa informação extrapolou uma série de preconceitos que ganharam influência por causa de seus supostos vínculos com a ciência. Os cérebros menores das mulheres, a pouca profundidade da matéria cinzenta, o número de circunvoluções, tudo provava que as mulheres eram intelectualmente inferiores e infantis em sua natureza: elas eram demasiado emocionais, tinham um profundo senso de dependência, buscavam solidariedade e eram mímicas hábeis. As garotas tinham “centros nervosos estressados e propensos ao dano se pressionados”, enquanto os garotos são “mais obdurados e resistentes”.<sup>105</sup>

Fatos supostamente especializados geram mais fatos supostamente especializados no mundo. Assim como a pesquisa contemporânea especializada que liga a infertilidade da mulher ao trabalho em lugar de fazê-lo às mil e uma outras causas potenciais ajuda a nutrir o pânico em relação à fertilidade, da mesma forma o século XIX alimentou o pânico moral que visualizava as tentativas da mulher de classe média de mudar sua vida resultando em loucura e no declínio da espécie. O consenso médico sobre a inteligência inferior da mulher e sua fragilidade nervosa ligado à ignorância de fato acerca das funções reprodutivas femininas gerou doenças nervosas e seus diagnósticos exagerados. A concordância especializada levou as mulheres a temer suas menstruações e gravidezes, que, à parte qualquer impacto sobre o “sistema nervoso”, já sofriam os terríveis efeitos colaterais que, com frequência, resultavam em morte, ou da mãe ou da criança. Privada de atividade, advertida contra exercícios e trabalho, liberdade da mente e movimento, a mulher do

fim de século, com sua capacidade “mímica”, desenvolveu problemas nervosos que os médicos de então vincularam mais às suas funções especificamente femininas que às condições gerais de suas vidas.

Elizabeth Garrett Anderson (1836-1917) lutou contra grandes forças institucionais, sem mencionar preconceitos, para se tornar a primeira mulher médica da Grã-Bretanha e fundadora, em 1871, do New Hospital for Women em Londres, que tinha apenas mulheres em sua equipe. Ela também se casou, teve três filhos e se engajou em numerosas atividades políticas. Sua resposta a Maudsley e seu grupo não foi — embora pudesse ter sido — que ela era a prova viva do fato de a educação não transtornar as habilidades reprodutivas da mulher. Em lugar disso, diplomaticamente apontou que as mulheres trabalhadoras eram um ótimo exemplo da forma como as mulheres negligenciavam suas “funções fisiológicas especiais”. Os “fatos de seu organismo” não as impediam de trabalhar. Suas pacientes lhe haviam mostrado que frequentemente ocorria o contrário. “O colapso da saúde nervosa e física, de qualquer modo, parece capaz de ser observado distintamente do desejo de um interesse mental adequado e educação nos anos imediatamente subsequentes à escola. Milhares de mulheres jovens, fortes e florescentes aos 18 anos tornam-se gradativamente lânguidas e fracas sob a influência depressiva do tédio.”<sup>106</sup>

O argumento enfureceu as mulheres por não vir do lado de Maudsley e dos evolucionistas. Elas ficaram entre o mar e o rochedo. O tédio as deixaria loucas; a energia excessiva não apenas as deixaria loucas, como condenaria a espécie a quem deviam servir. Com uma pequena variação e permitindo maiores liberdades, nem tanto mudou assim em nossos próprios dias. Vozes “especializadas” tornam a invocar velhos preconceitos, acham estatísticas para preencher as necessidades, levam adiante estudos em que os termos estão ligados a hipóteses ultrapassadas. Induzem conflitos em mulheres trabalhadoras ao lamentar as crianças que sofrem ou o ventre menos que fértil, enquanto advertem todo o tempo contra o estresse, a debilitação emocional ou pior.

### *Alice James (1848-1892) e os médicos de nervos americanos*

“Sua morte trágica foi, de certa maneira, a única solução para ela do problema prático da vida.” Assim escreveu o romancista Henry James em 8 de maio de 1894 para seu irmão William, o famoso psicólogo de Boston, sobre a irmã deles, Alice, morta dois anos antes.

Talvez James, cujas heroínas ultrapassam o fim do século, tenha um talento natural para os segredos das mulheres e sua necessidade deles porque ele próprio tem muitos segredos a resguardar. Uma misteriosa doença impediu-o de lutar na Guerra Civil, aquele solo histórico de prova da masculinidade americana. Ele parece compartilhar a persistente impotência das mulheres, especialmente das mulheres sem filhos. Entendia melhor que o resto da família que a invalidez de Alice começara a partir da adolescência como uma solução para o problema prático da vida. Em parte através dela, imagina-se, ele ficou sintonizado com aquele fundo de “vida nova” que uma mulher como Alice continha e as frustrações que uma natureza independente abrigava no corpo de uma mulher. Ele distribui isso em diferentes porções a suas heroínas. James também entendeu a natureza do talento de Alice, que apenas recentemente encontrou expressão.

Nos três últimos anos de sua vida, Alice teve um diário. Ele foi mandado aos irmãos pela mulher que compartilhou a vida de Alice desde 1879. Henry estava profundamente preocupado com a possibilidade de publicação do diário e as indiscrições que revelaria sobre ele mesmo e seus amigos. Mesmo assim, foi astuto e generoso na avaliação dos talentos da irmã: “A vida, o poder, o temperamento, o humor, a beleza e a expressividade do diário ... É heroico em sua individualidade, em sua independência — está cara a cara com o universo para e por si mesmo —, e a beleza e a eloquência com que ela frequentemente expressa isso, sem falar na rica ironia e no humor, constituem ... uma nova afirmação do renome da família.” O diário também nos dá clareza do ponto de vista da vítima sobre o que constitui sua condição “nervosa”.

Embora distinta em suas particularidades e nos grandes talentos de seus membros, a família James dividia com seus contemporâneos sociais aquele padrão de doença nervosa que George Beard havia atribuído à elite americana rica e bem-educada. Os dois filhos mais velhos, Henry e William, assim como o pai, Henry Sr, um filósofo swedenborgiano,\* sofriam de surtos de depressão e de um misterioso e não identificado nervosismo. Mas foi Alice, a única filha entre quatro irmãos e a mais nova, que assumiu o dever neurótico da família. É o tipo de divisão de energia e doença que Henry retratou em *The Sacred Fountain*, onde um vampirismo emocional alimenta as relações de seu herói com a heroína. A trajetória da doença de Alice, mesmo que seja completamente dela, segue as linhas gerais com que a

\*Seguidor da doutrina religiosa de Emanuel Swedenborg. (N. da T.)

“neurastenia” e, às vezes, sua categoria acompanhante “histeria” exauriam muitas mulheres de seu tempo.

Henry Sr, que não tinha uma profissão que o tirasse de casa, era um pai entusiástico, focado, de acordo com seu entendimento filosófico, em subordinar-se aos sagrados “instintos naturais” de seus filhos. Ele transformou a educação deles, sempre amorosa, mas vigilante, em uma experiência em que eram constrangidos a ser felizes. Alice era mimada pelo indulgente Henry Sr, que, por acaso, também acreditava que as meninas nasciam virtuosas e capazes de autossacrifício. Diante dessa visão de perfeição, Alice tendia a ver qualquer falha em si mesma como uma queda no abismo da maldade. Mais tarde, escreveu em seu diário: “Como se fica enjoada de ser ‘boa’, o quanto eu me respeitaria se pudesse explodir e tornar cada um infeliz por 24 horas.”

A mulher de Henry Sr, Mary Welsh, compartilhava pouco do senso do marido de como educar as crianças, ou das inclinações filosóficas dos membros da família mais bem lembrados. Ela era o mais convencional e prático dos anjos vitorianos domésticos. Parece que ela ou negligenciava ou disciplinava a agitada e enérgica criança que Alice era, mas quando a doença de Alice começou, suas cartas — e a família James e seus amigos escreveram incontáveis cartas uns para os outros — são repletas de carinho maternal pela filha enferma. A doença lhe deu um lugar especial no espectro do amor materno, espalhado, às vezes, como pensava Alice, em uma camada bastante fina sobre uma incubadora em que entrou por último. Apesar das evidentes habilidades intelectuais de Alice, ela nunca foi educada no mesmo nível que os irmãos, algo que lamentou ao longo da vida. Durante aquela incansável odisseia europeia que Henry Sr insistia ser necessária como preparação para a vida de seus filhos americanos, Alice frequentemente ficava para trás em quartos de hotel pequenos, enquanto os irmãos iam para a escola ou passeavam em excursões culturais.

De volta à América, Alice viveu uma adolescência difícil. O amor parecia um perigo, algo que ela nunca seria boa o suficiente para merecer, mesmo que fosse o único destino aparente da mulher. Ela era simples, melhor nas aulas de história que nos rituais da corte de Boston. Os olhos dos homens não eram atraídos. Ela zomba dos papéis e das regras sociais com toda a sua ácida inteligência, mas eles pesam sobre Alice assim mesmo e deixam sua marca no senso que tem de si mesma. Não pode nem corresponder às expectativas femininas, nem controlar seus próprios desejos de rebelião.

A doença fornece um tipo de solução para uma vida que confronta sua sensibilidade, enquanto ao mesmo tempo a enche de culpa sobre a ina-

tingibilidade do ideal. A “ocupação de melhorar” de toda a vida de que ela fala em seu diário pode, então, assumir um significado duplo: melhorar a si mesma e ficar melhor. Com a doença, as exigências são menores, mesmo que permaneça o peso da consciência e do desapontamento consigo mesma. A doença significa que não precisa flagelar-se acerca de suas deficiências, não precisa competir intelectualmente com os irmãos: pode ao mesmo tempo ser interessante nos termos de seu pai e um fracasso, julgada por critérios externos.

A doença particularmente indeterminada da qual Alice sofre também lhe permite a selvagem explosão ocasional do delírio, uma espécie de rebelião histérica contra os constrangimentos impostos por sua situação. Curiosamente, o primeiro registro de seu diário, em 31 de maio de 1889, quando ela já está com 40 anos, fala sobre aqueles interiores explosivos. Alice vê o diário como uma “saída para aquele gêiser de emoções, sensações, especulações e reflexos que fermentam perpetuamente em minha pobre carcaça”. Mas antes que encenasse suas irônicas peças amadoras nas páginas de seu diário, foi a doença que lhe deu licença para explodir. A doença também permitiu o oposto — a paródia de uma passividade feminina muito própria naquele repouso forçado que é depressão ou neurastenia. Na verdade, a doença foi uma saída completamente útil.

Com a idade de 14 anos, Alice já havia assumido o que o biógrafo de Henry James, Leon Edel, chamou de “camisa de força espiritual”. Ela se sente inútil, aprisionada em um corpo “que luta para sair de roupas apertadas”, mas presa por “circunstâncias musculares” e falta de energia, a uma renúncia: “Tive de trabalhar duro entre os 12 e os 24, ‘matando a mim mesma’ como alguém chama isso —, absorvendo no osso que a melhor parte é vestir-se de cores neutras, andar em águas paradas e possuir a própria alma em silêncio.”

Aos 15 anos, Alice começa a sofrer os mais sérios colapsos que marcarão o resto de sua vida. As cartas de família estão cheias de sua doença, seus altos e baixos, sem nunca descrever precisamente os sintomas. Ela fica sem forças. Ela está exausta. Ela corre, cavalga ou nada, adere ao trabalho com agulhas, que desaparece à medida que as jovens se casam. Sofre dores misteriosas e desmaios. A perseguida vida social não traz as necessárias propostas de casamento. Ela deseja estar morta. Sofre de solidão enquanto seus irmãos viajam; um senso de desolação a assombra e ocasionalmente a domina. Ela se impõe tarefas de estudos para corresponder à sua inteligência e ao atributo intelectual de seu pai e dos dois James mais velhos, mas seu corpo, como diz mais tarde, se rebela, e ela está cheia de pensamentos de



suicídio ou de desejo de assassinar seu atento, algumas vezes sedutor, pai, que espera demasiada bondade dela.

Um período de recuperação, uma amizade criada com Katherine Loring, mulher capaz que finalmente se torna sua parceira em um “casamento de Boston”, mas que a princípio tinha de dividir o tempo entre Alice e sua própria irmã inválida; um complicado engajamento no feminismo de Boston — tão bem capturado em *The Bostonians*, de seu irmão Henry — e ela está doente de novo, sofrendo de dores nos membros, entre muitas outras coisas. O casamento de William, seu irmão favorito, traz um colapso mais grave e uma estada em um asilo de loucos — muito da forma como a paixão de Charles Lamb ajudou a trazer a loucura de Mary. Após a morte da mãe, Alice, finalmente útil, cuida do pai. Mas ele rejeita a utilidade dela cometendo aquele lento “suicídio gentil” que uma vez dissera a Alice — afastando o desejo dela de morrer — ser o único caminho justo. A morte de Henry Sr traz outra recaída. O padrão de doença nervosa continua até seu câncer final, que ela sofre com uma espécie de alívio de que existe ao menos uma doença com nome.

Nevralgia, neurose espinhal, hiperestesia nervosa, gota reumática, todas essas foram diagnosticadas para Alice, junto com dores de cabeça, distúrbios estomacais, fadiga e nervos. Sob neurastenia, George Beard havia listado cinquenta sintomas, alguns dos quais também cabiam na igualmente indeterminada doença nervosa ou histeria: esta incluía desmaio, decadência dos dentes, irritabilidade, paralisia, falta de apetite, vômito, acessos de riso e choro, nevralgia, espasmos musculares, medos mórbidos, constipação, insônia e cansaço. Em 1866, com a idade de 18 anos, depois que a família se mudou para o lar permanente em Cambridge, a doença de Alice piorou tanto que ela foi mandada embora para os primeiros de seus longos tratamentos. No New York Orthopaedic Dispensary entrou em um regime sob os cuidados de um dr. Charles Fayette Taylor. O tratamento não diferia do que foi desenvolvido na década seguinte por Weir Mitchell.

De fato, como Weir em seus primeiros dias, o dr. Taylor concebeu uma ligação entre a ortopedia e o sistema nervoso. Seu tratamento incluía repouso e um regime de engorda, e o paciente era afastado da família. Parece levemente menos autocrático que o de Weir Mitchell, em que a passividade forçada era temperada com exercício. Como destaca Jean Strouse, biógrafo de Alice, o dr. Taylor, sob a influência de um fisiologista sueco, havia desenvolvido um tratamento pelo movimento que consistia em exercícios físicos, “ortopédico-mecânicos”, e uma boa dose de filosofia terapêutica. Ele postulava, como tantos

de seus colegas de ambos os lados do Atlântico, que as garotas expostas cedo demais a muito estímulo emocional e intelectual tinham seu sistema nervoso “pervertido desde a formação do tecido e absorvido pela vida de sensações. O corpo é literalmente *esfomeado*, enquanto o sistema nervoso é estimulado ao mais alto grau”. Emoções, para Taylor, eram o mais exaustivo de todos os atributos mentais. Demasiada educação em uma mulher a tornavam mais emocional ainda.

O objetivo terapêutico de Taylor, portanto, era “acelerar os processos nutritivos e causar o desenvolvimento muscular, sem sobrecarregar o sistema nervoso”. Ele avisava que a paciente devia ser “impressionada pela ideia de que não devia olhar seus sintomas, fossem eles temporariamente agradáveis ou não, mas ignorá-los o máximo possível, adotando um caminho que assegura maior imunidade em relação a eles”. Este último conselho tem muito em comum com as táticas de “administração moral”. Mas como revela o ensaio sobre “Emotional Prodigality”, de 1879, Taylor também assumiu o pensamento evolucionista e a preocupação que o acompanha com o meio reprodutor em bom estado:

Enquanto os homens são acalmados, as mulheres são excitadas pela educação que recebem ... a mulher de nossa civilização moderna se torna o feixe de nervos que é — quase incapaz de raciocinar sob a tirania de emoções supremas; algumas se tornam incapazes de ser mães de crianças corretamente organizadas ... Para [assegurar] paciência, confiabilidade, julgamento real para levar orientações adiante, autocontrole, dê-me a mulherzinha que não foi “educada” demais ... Tais mulheres são capazes de ser mães de homens.

É claro que a mãe de Alice era um exemplo muito melhor de boa feminilidade que a filha.

Alice passou mais tempo que qualquer pessoa podia esperar sob o cuidado do dr. Taylor — seis meses, de novembro de 1866 a maio de 1867, durante os quais os relatos eram de que ela florescia. Mas assim que volta à casa em Cambridge e é envolvida no torvelinho da vida social, com a perda de amigos para o casamento, o reconhecimento de sua própria falta de atrativos e as pressões daquela incubadora que é a família James, ela sofre um colapso muito mais sério, no início de 1868, com a idade de 19 anos. James Sr comenta o estado de Alice naquele ano como “grande parte do tempo principalmente louca”.

Em 1890, depois de ler os escritos de seu irmão William sobre histeria e divisão da consciência, Alice compreendeu seus próprios conflitos nos termos dele. Descreve em seu diário o puro terror de sua condição de jovem: ela havia se sentido moralmente forçada a manter o controle, enquanto alguma parte dela, que chama de “corpo” ou “músculo”, se rebelava violentamente:

Eu passei por uma sucessão infinita de abandonos conscientes e, ao olhar para trás agora, vejo como isso começou em minha infância, embora eu não estivesse consciente da necessidade até '67 ou '68 quando tive o primeiro colapso, agudo, e violentos períodos de histeria. Enquanto estava prostrada depois da tempestade com minha mente iluminada e suscetível às mais fortes e claras impressões, vi muito distintamente que era simplesmente uma luta entre meu corpo e minha vontade, uma batalha na qual o primeiro foi triunfante até o fim. Devido a alguma fraqueza física, excesso de suscetibilidade nervosa, o poder moral pausa por um momento, como aconteceu, e se recusa a manter a saúde muscular, esgotado pela tensão de suas funções restritivas. Quando tentava sentar-me imóvel e ler na biblioteca com ondas de inclinação violenta subitamente invadindo meus músculos, assumindo algumas de suas miríades de formas, como jogar-me pela janela ou cortar a cabeça do bondoso pai enquanto está sentado com seus cachos prateados escrevendo à sua mesa, costumava parecer-me que a única diferença entre mim e os loucos era que eu não apenas arcava com todos os horrores e sofrimentos da insanidade, como também com os deveres de médico, enfermeira e a camisa de força que me era imposta. Imagine nunca viver sem a sensação de que se você se deixar levar por um instante seu cérebro vai virar um pudim e em um momento dado você deverá abandoná-lo totalmente, deixar os diques se romperem e a inundação entrar, reconhecendo-se abjetamente impotente ante leis imutáveis. Quando todo o inventário de bens morais e neurais de alguém é uma disposição que proíbe o abandono de uma polegada ou o relaxamento de um músculo é uma luta sem fim.<sup>107</sup>

Nessa comovente descrição de sua luta interna, escrita em outubro de 1890, mais de vinte anos após seus primeiros grandes ataques, Alice resume seus sintomas nos paradigmas do tempo. Ela vê o senso de que “tenho de abandonar meu ‘cérebro’” ligado às suas próprias tentativas de “uso consciente e contínuo do cérebro”. Na verdade, apesar de toda a sua rebelião, ela aceita o pensamento de seu próprio tempo sobre as limitações da capacidade das mulheres e os efeitos da ambição excessiva. Ela também se entende como sus-

cetível à fraqueza nervosa em consequência de uma tendência hereditária. Seus ataques são desenvolvimentos da fraqueza de seu corpo, sua rebelião contra as dificuldades do estudo: sua mente se recusa a se concentrar, embora quisesse persistir. Não há sugestões em sua autoanálise altamente inteligente de uma descrição que a leve adiante dos médicos americanos em seu próprio diagnóstico, mesmo quando ela de fato reserva uma parte para o poder moral do eu "policial" em seus colapsos, aquele autopolicimento sobre o qual os médicos da mente freudianos vão elaborar na geração seguinte, quando instinto e sexualidade se opõem aos constrangimentos da civilização. Um quarto de século depois, uma mulher comparável, ao analisar sua própria doença, irá usar termos muito diferentes.

Enquanto isso, poderia não ser demais especular que a preocupação de toda a vida de William James com os "Princípios de Psicologia" — o título de um trabalho em dois volumes em que explora todo o campo do pensamento em toda a sua amplitude — deva não pouco ao intrincado jogo de consciência em sua própria família e aos problemas muito reais colocados pela saúde "delicada" da irmã. Após anos tratando a irmã menor de maneira afetuosa, contando-lhe seus casos amorosos e escrevendo-lhe longamente da Europa sobre suas escapadas e seus gostos, seu compromisso e casamento em 1878 precipitaram uma grande crise em Alice, um desespero suicida, em que Henry Sr cuidou dela.

Todos os muitos tratamentos a que Alice se submeteu ao longo de sua vida traziam o selo de Silas Weir Mitchell (1828-1914), o preeminente especialista americano em doenças nervosas. Weir Mitchell, filho de médico, foi treinado na Filadélfia antes de viajar para a Europa, onde trabalhou com o eminente fisiologista Claude Bernard. Ele tinha tanto gosto pela pesquisa quanto pela escrita. Seu trabalho sobre o impacto do veneno de cobra sobre os nervos ainda é considerado de primeira linha; e seus primeiros escritos sobre consciência dividida de uma figura da história inicial da psicologia americana, Mary Reynolds, foram citados por muitos investigadores do campo. Mas foi a "cura pelo repouso" para a neurastenia e os livros que a acompanhavam que lhe trouxeram fama em toda a América e Europa, onde foram amplamente traduzidos: *Wear and Tear; or Hints for the Overworked* (1871), *Fat and Blood: An Essay on the Treatment of Certain Forms of Neurasthenia and Hysteria* (1877), e, em 1881, seu *Lectures on the Diseases of the Nervous System, Especially in Women*.

Escritor prolífico e arguto observador de seus pacientes, Weir Mitchell deu-lhes vida ficcional em 13 romances e um sem-número de contos. Sem dúvida esses retratos ajudaram a fixar a imagem negativa das mulheres neurastênicas na imaginação popular como figuras egoístas e queixosas que manipulavam os que estavam em volta mediante sua disposição nervosa. Octapia Darnell, Ann Penhallow e Constance Trescott são retratos impacientes, quase satíricos, de inválidas que evitam a luz e encenam melodramaticamente sua doença. Em *Roland Blake*, Octapia Darnell passa os dias em um quarto escuro, “em uma *chaise longue* e coberta por um lençol de seda até o chão”. Sua “figura alta e magra” tem a compleição dourado-pálida de uma mulher “originalmente de pele escura a que agora falta sangue”. Ela lamenta sua fraqueza e censura a pessoa que cuida dela, a jovem Olívia, cujos confortadores carinhos busca e cuja vida suga, como um vampiro, para alimentar a própria vida.

A cura para essas heroínas inválidas com frequência vem — como acontece com Ann Penhallow — de um chamado ao dever, um desafio para que voltem à vida na qual são necessárias: “Todo médico de grande experiência deve ter visto casos de invalidez criados pela própria pessoa e a que ela não resiste terminarem com misteriosa abruptude e o retorno da competência mental, moral e física sob a influência de algum chamado ao senso de dever criado por uma calamidade, como uma doença aguda na casa, a ruína financeira ou a morte do marido.”<sup>108</sup>

Em seus escritos clínicos, o espectro de sintomas que Weir Mitchell descreve em suas mulheres nervosas é amplo. Elas sofrem de tiques e espasmos, paralisias e afonias, desmaios e sono, falsas gravidezes e movimentos involuntários dos braços para cima e para baixo, oscilando entre a histeria e a neurastenia, embora distinguir um do outro raramente seja visto como algo necessário. Ele apresenta seus casos com a viva impaciência de um misógino pragmático:

A paciente era uma dessas mulheres gordas, coradas, com bons ovários e o útero onde deveria estar e, apesar disso, histérica em grau exasperador. Pesava mais de noventa quilos e infelizmente sujeita ao que chamava de movimentos com os braços que eram realmente notáveis, porque seu corpo era atirado tão alto na cama e descia com tanta violência devido ao seu peso que não era raro encontrar pedaços do suporte da cama que cedia. Ela ficou melhor à medida que sua histeria cedeu, mas ainda é, acredito, sujeita, às vezes, a esses desagradáveis e indesejados sintomas.<sup>109</sup>

Embora nunca acuse completamente suas mulheres nervosas de inventar os sintomas ou serem de má-fé, Weir Mitchell se impacienta com a intratabilidade de doenças que, apesar disso, vê como causadas por forças fora do controle individual. Ele ataca os sintomas com o zelo de um *terrier* que não gosta de largar a presa. De uma mulher cuja perna durante meses se havia recusado a mover de seu rígido ângulo reto em relação ao corpo, ele escreve: “Uma multidão de tratamentos terapêuticos que terminaram sempre em fracasso e abandono do caso foi feita por vários médicos: mesmo assim, assumi o tratamento com certa esperança, como de fato sempre faço quando um caso histérico é afastado de seu próprio lar e contexto social e sujeito a novas e revolucionárias influências.”<sup>110</sup>

As características básicas da famosa cura Weir Mitchell, à parte sua tenacidade, eram levar o paciente para longe do ambiente familiar, reforçar o repouso e a distância de outras formas de estímulo além das criadas por médico e enfermeira, alimentar e alimentar um pouco mais. Em seis semanas de isolamento, o paciente nervoso comum tendia a engordar cerca de 23 quilos. Além disso havia massagem; correntes de indução podiam ser usadas para “acordar músculos não utilizados”; às vezes, também, como no caso da mulher com a perna rígida, injeções hipodérmicas. Mitchell descreve que o tratamento consiste em “um esforço para levar a saúde do paciente a um nível mais alto pelo uso do isolamento, que corta a excitação e a solidariedade tola; pelo repouso [que algumas vezes significa imobilidade] ... pela massagem ... E pelo uso de estímulo muscular elétrico [que permite o exercício passivo]”.<sup>111</sup>

Tudo isso vem com boas doses da força de vontade do médico e de uma firmeza inquebrantável e a uma pequena distância da ameaça. Os sintomas, como as mulheres, estavam ali para obedecer às ordens de Weir Mitchell. O castigo de repouso forçado no leito e alimentação constante para um paciente nervoso que já se havia submetido voluntariamente a quartos na penumbra podia tornar os requeridos movimentos e estímulos à saúde ao menos momentaneamente atraentes. Se o paciente se mostrasse relutante, Weir Mitchell, ao que parece, ficava bem próximo de uma ameaça encenada. Uma história com toda a força de lenda entrou para a sua biografia. Era ele dizendo a um paciente que adorava ficar na cama: “Se você não sair da cama em cinco minutos, eu vou me deitar aí com você”, enquanto lentamente removia seu casaco, depois o colete. Só quando começou a tirar a calça, o paciente, irado, pulou da cama.<sup>112</sup>

Mitchell tinha muitas pacientes mulheres entre a elite intelectual da Nova Inglaterra, inclusive Jane Adams, Winfred Howells, Edith Wharton e Charlotte

Perkins Gilman, que escreveu uma história de censura, *The Yellow Wall-paper*, sobre a cura de Mitchell. Sua heroína foi levada à loucura pelo repouso forçado e infantil, durante o qual é proibida de escrever.<sup>113</sup> Gilman enviou a história a Weir, que, ela afirmava sempre, mudou o tratamento de neurastenia após lê-la, embora não exista evidência substantiva de que ele o tenha feito.

Alice James — embora seus *sintomas* estivessem em linha com os tratamentos dele — nunca foi a Weir Mitchell. Tanto ela quanto William certamente leram o homem que, como comentou um amigo deles, “curou todos os bostonianos esgotados”. William também o conheceu em Connecticut e afirmou em uma carta que sua conversa era muito interessante, embora sua natureza artística e intelectual “pudesse se desenvolver à custa de sua estabilidade moral”.<sup>114</sup> Em vez de procurar Weir Mitchell, então no auge de sua fama, em 1883 Alice foi para um asilo que tratava “gente nervosa que não era insana” e ficou ali durante três meses. Por meio de uma herança, o asilo Adams Nervine, perto de Boston, foi incorporado pelo estado em 1877 para as mulheres pobres do estado, embora também aceitasse pacientes pagantes. Ficava em uma área bonita que dava para um arvoredo e tinha uma série de prédios decorados com bom gosto e mobília vitoriana gótica — tudo calculado para fornecer aos pacientes nervosos um ambiente apropriado, e os Boston Brahmins\* que cuidavam deles. Vagas no asilo que se orgulhava, segundo a edição do jornal *Boston Globe* de 18 de abril de 1887, de seus ambientes “estéticos”, eram muito procuradas.

Em um relatório para os administradores do asilo, o dr. Frank Page forneceu uma pesquisa dos pacientes desde a abertura oficial da instituição, em 1880. Os resultados eram contrários ao que alguns de seus colegas médicos ingleses teriam previsto. Ao observar as causas das doenças nervosas, Page afirma que, entre os 34% de donas de casa, a doença nervosa tinha a ver com “excesso de trabalho, preocupação, ansiedade e insônia coincidentes com doenças domésticas”. Mas a preocupação em cuidar de outros era mais importante como causa do colapso que o próprio excesso de trabalho. Entre os 14% dos pacientes que eram professores, o excesso de trabalho raramente era a causa do colapso; era, de fato, “produtor de boa saúde”.<sup>115</sup>

Para Alice e outros pacientes, o que o asilo oferecia era uma versão modificada da cura pelo repouso de Weir Mitchell: período na cama, comida,

\*Nome dado aos descendentes de famílias que alegam ser as primeiras povoadoras da Nova Inglaterra. (N. da T.)

banhos de vapor, massagens e correntes farádicas e galvânicas aplicadas aos nervos e músculos para aliviar a dor e prover o estímulo que funcionava como exercício.

Temporariamente melhor quando deixou o asilo, poucos meses depois Alice estava novamente à procura de tratamento. Da mesma forma que para tantos pacientes nervosos, a cura era sempre buscada e nunca encontrada com alguma continuidade. Desta vez, o fator instigante do colapso de Alice, ou do medo de sofrê-lo, foi a longa estada de sua companheira Katherine Loring na Europa. O médico recomendado era um dispendioso especialista de Nova York, um russo que cobrava a exorbitante quantia de cem dólares por sessão para aplicação de correntes elétricas com base em uma teoria segundo a qual redirecionar impulsos dormentes, ou aqueles que foram para direções erradas, poderia curar a fadiga e o nervoso crônicos. William Basil Neftel acreditava em exercício. Ele levava sangue fresco e linfa aos músculos afetados. Em 1875, escrevera um livro sobre galvano-terapêutica, que traçou “a ação e a terapêutica da corrente galvânica nos nervos acústicos, ópticos, simpáticos e pneumogástricos”.

As cartas de Alice sobre seus dois meses com o dr. Neftel dão uma pista de que a relação médico-paciente é indubitavelmente a chave do tratamento de “doenças nervosas”. Há um tom de flerte em seu texto, do qual ela zomba, mas não pode ou não quer eliminar. A esperança de cura produz um tipo de caso de amor entre paciente e médico que logo se torna desapontamento e desprezo pelo médico e, naturalmente, por si mesma. Em 5 de maio de 1884, ela escreve para sua velha amiga Sara Sedgwick, agora casada com Darwin, filho de Charles Darwin.

Vim testar a habilidade de um eletricista russo ... de quem eu ouvia dizer grandes coisas e que certamente ou apesar de ou por causa de sua qualidade de personificação me havia feito um grande bem de diversas maneiras. Fiquei encantada a princípio com o aroma eslávico de nosso intercurso, mas logo me vi suspirando por um não adulterado Jackson.<sup>116</sup> Estar associada e ter levado a sério uma criatura com a substância moral de um macaco torna-se degradante após certo tempo, não importa como alguém possa ser seduzido por suas “fagulhas” à primeira explosão.

A sensibilidade moral bostoniana de Alice podia ser refinada demais para o mero macaco estrangeiro, mas as metáforas sexuais sublinham aquele outro



tipo de “eletricidade” que era inevitavelmente parte da relação terapêutica. Os médicos, na experiência de Alice, foram os únicos homens que já haviam posto as mãos em seu corpo. O toque podia ser restaurador, mas também era humilhante, como tornou claro em uma carta de 1886 para William, quando mais uma vez precisou de ajuda:

Pode parecer passividade para você que eu não desça à arena médica, mas devo confessar os temores de meu espírito ante quaisquer novos encontros gladiatórios. É preciso a força de um cavalo para suportar a fadiga de esperar hora após hora pelo grande homem e depois uma luta feroz para se recuperar a autoestima ... Acho que a dificuldade é minha inabilidade para assumir uma atitude receptiva, virtude cardinal da mulher e cuja ausência me tornou tão pouco encantadora e encantada pelo sexo masculino.<sup>117</sup>

Freud, que mais tarde falou o que não foi falado por tantos no período, escreveu sobre a cura através do amor e sublinhou as estranhezas da transferência entre paciente e médico. Para Alice, como o irmão Henry escreveria, a saúde trágica era a única solução para o “nervosismo” gerado (ou engendrado) por seu intenso horror à vida e desprezo por ela”. Ela suprimia a necessidade de “igualdade ou reciprocidade” como impossível de encontrar em um médico da mesma forma que em qualquer outro homem.

Seu intenso “horror da vida” era certamente gêmeo de seu elemento sexual. Mas na América puritana, diagnósticos que tivessem a ver com aquele impalatável assunto básico do sexo só seriam vistos em alguns anos mais. Antes que isso fosse feito, aquela frouxa categoria genérica da “doença nervosa” teria de ser contaminada por aquela dramática atmosfera proletária do Salpêtrière de Charcot na Paris republicana e passar pelo fogo da caldeira psicológica que era a classe média de Viena.

Alice morreria em Londres de câncer, cujo avanço suportou estoicamente e com um tipo de alívio de que finalmente uma doença *real* era a causa de sua invalidez: nem os médicos que lidavam com essa doença mortal tinham a qualidade símia de seus curadores prévios. Henry James, cujos livros estão cheios dos misteriosos caminhos pelos quais a doença, sem nome ou inominável, rasteja para dentro e modela o destino de personagens, sobreviveria à irmã caçula por 18 anos.